

Mombojó celebra obra de Alceu Valença em álbum

PÁGINA 3



Filmes de ação vivem fase de renascimento

PÁGINA 5



Streaming revive o fenômeno brazuca 'Dona Flor'

PÁGINA 6



2º CADERNO



Leandro Ribeiro/Divulgação

Diogo mantém o legado do pai e comanda os eventos do Clube do Samba, cujo baile deste ano terá Sandra de Sá (abaixo) e o Cordão do Bola Preta

Fotos/Divulgação

‘Nessa gente **bamba** eu me amarro de montão’

Aquecendo as turbinas para o carnaval, Diogo Nogueira comanda o Baile do Clube do Samba neste quinta tendo Sandra de Sá e o Cordão do Bola Preta como convidados



Ao lado, o croqui do boneco de João Nogueira ao estilo do carnaval de Olinda criado para o baile de 45 anos do Clube do Samba

M

antendo vivo o legado de seu pai João Nogueira (1941/2000), Diogo Nogueira comanda nesta quinta-feira (8), no Vivo Rio, o Baile do Clube do Samba, marcando o início das atividades em comemoração aos 45 anos do movimento. Diogo convida a cantora Sandra de Sá e o tradicional Cordão do Bola Preta para a noite.

No repertório, muito samba de raiz, marchinhas de carnaval e clássicos dos sambas de enredo. A abertura será da DJ Cris Pantoja, em uma noite de reverência ao samba e aos imortais carnavais da cidade. E o público está convidado a soltar a criatividade para a noite do baile, que terá um concurso de melhor fantasia.

Para o Baile do Clube do Samba, a artista carioca Fernanda Massotti e o designer André Massotti criaram uma série de caricaturas que capturam a essência única do movimento. As imagens, inspiradas nos bonecos de Olinda e nos mamulengos, ganharão vida nos estandartes utilizados na cenografia de Guilherme Reis no evento. Serão 10 caricaturas de personagens do Clube do Samba, além de uma homenagem especial ao Ziraldo, que durante anos foi o responsável pelas camisetas do bloco de carnaval. Destaque, é claro, para a caricatura de João Nogueira, criador do Clube em 1979, reverenciando seu papel fundamental na história do samba.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL



Divulgação

DiCaprio exalta enredo em defesa do povo Yanomami

Salgueiro ganha a torcida de Leonardo DiCaprio

Ativista ambiental, Leonardo DiCaprio sempre que pode destaca a sua preocupação com as florestas e os povos originários. Em publicação no no Instagram, o ator reforçou a importância da preservação de terras indígenas no Brasil e destacou o samba-enredo da escola do Salgueiro. A escola vai apresentar na Sapucaí (a terceira

no domingo, 11) o tema em defesa dos Yanomami. “O ritmo do samba pulsa para ajudar a proteger o maior grupo indígena da Amazônia que vive em relativo isolamento - o povo Yanomami”, começa o texto. “Durante anos, o povo Yanomami sofreu violência brutal de garimpeiros e seus financiadores”, denuncia.

Dia Delas

O Rock in Rio anunciou a cantora Katy Perry na programação do festival este ano. A americana será a principal atração do evento em 20 de setembro, liderando o dia dedicado a mulheres na música, que ainda terá Gloria Gaynor e a brasileira Iza.

Dia Delas II

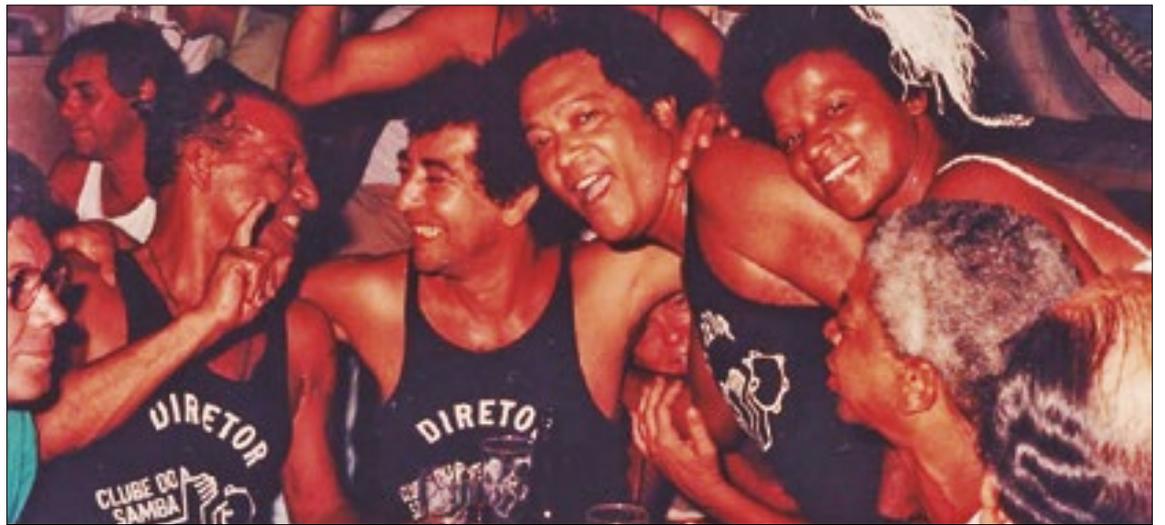
Batizado de Dia Delas, a data também terá apresentações das cantoras Angélique Kidjo, de Benin, que lidera a programação do palco Global Village; e da baiana Ivete Sangalo, anunciada anteriormente como parte dos trabalhos do palco Mundo.

Pelo telefone

Contratado no fim de 2023 para narrar o Campeonato Paulista, Oliveira Andrade foi demitido da Record com um pouco mais de um mês de casa. E conta que o desligamento aconteceu por telefone: “Foi um ato desrespeitoso com minha carreira”.

Encomenda

A Globo encomendou para a autora Lícia Manzo, criadora de histórias como “A Vida da Gente” (2011), uma produção para estrear na programação da emissora no segundo semestre de 2025. Ela trabalha agora para entregar uma sinopse.



João com Roberto Ribeiro e Tatinho da Mangueira num dos encontros do clube

Um movimento de resistência em favor da música brasileira

Patrimônio imaterial da cultura brasileira, o Clube do Samba celebra 45 anos em 2024 e ganha diversas ações culturais e socioeducativas. Para enaltecer a sua importância, a Família Nogueira lança o Clube do Samba 45 anos, um movimento especial que promoverá ações ao ano inteiro, iniciando com o baile e seguindo com bloco de carnaval, espetáculo musical, oficinas para crianças, entre outras atrações.

O projeto foi desenvolvido por Clarisse Nogueira em parceria com Fernando Campos, do Grupo Prismah. Filha de João, Clarisse atualmente está à frente do Clube do Samba ao lado da mãe Angela. Ela destaca que o movimento Clube do Samba 45 anos vem para contar toda a história de João Nogueira através da música. “O nosso objetivo é que o Brasil conheça o que é o Clube do Samba. Muito mais que um movimento, o clube traz entretenimento, cultura e promove ainda um projeto social que atende gratuitamente cerca de 120 crianças no subúrbio do Rio”, explica.

Enquanto as estações de rádio e televisão privilegiavam apenas as músicas de discoteca americana,



João Nogueira, ladeado pela irmã Giza (esquerda) e sua mulher Ângela em desfile do Bloco do Clube do Samba

João Nogueira no dia 5 de maio de 1979 criava o Clube do Samba para fortalecer as raízes brasileiras. O movimento sociocultural nasce como um espaço de resistência à “invasão” da música americana no país, de forma humilde, dentro da casa de João, no Méier.

A atividade principal? Rodas de samba no quintal da residência, onde se reuniram os maiores compositores e cantores do gênero. Artistas como Beth Carvalho, Martinho da Vila, Alcione, Cartola, Elizeth Cardoso, Ivone Lara, Clara Nunes, entre tantos outros, fortaleceram a iniciativa. O clube renderia

ainda um dos maiores sucessos da carreira de João Nogueira: “Clube do Samba”, que dizia assim: “Melhor e viver cantando / As coisas do coração / É por isso que eu vivo no clube do samba / Com essa gente bamba eu me amarro de montão”.

SERVIÇO

BAILE DO CLUBE DO SAMBA 45 ANOS

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo)

8/2, às 20h

Ingressos: a partir de R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

Por Leonardo Lichote (Folhapress)

Na adolescência em Recife, Felipe S tinha sua atenção musical voltada para o punk do Devotos do Ódio e o hip hop hardcore do Planet Hemp. “Alceu Valença era meio música de barzinho para a nossa galera, a gente torcia o nariz”, lembra.

Mas o vocalista do Mombojó seguiu o conselho de Nelson Rodrigues aos jovens - “Envelheçam!” - e, mais de duas décadas depois, pôde reencontrar o autor de “Anunciação” num lugar mais fundo da sua memória e da sua geração. Agora, celebra esse reencontro em “Carne de Caju”, disco no qual o Mombojó relê canções de Alceu.

“Minha mãe amava Alceu e ouvia muito seus discos”, recorda Felipe. “Um que ficou muito marcado pra mim era aquele que tinha ‘Amor Que Vai’ (“Maracatus, Batuques e Ladeiras”, de 1994). Gosto muito dessa música desde criança. Sempre que ouço, paro tudo. Ela remete aos meus primeiros entendimentos de vida”.

“Amor Que Vai”, é claro, faz parte do repertório de “Carne de Caju” desde que surgiu a primeira ideia do disco. O projeto nasceu quando o Mombojó gravava um outro álbum, de canções próprias, e Felipe pensou em fazer algo especial para o período do verão.

“Nunca tocamos entre dezembro e fevereiro”, explica. “Mas não queria algo muito comercial, mas sim um trabalho de pesquisa, mergulhar na obra de um compositor e trazer pro nosso universo. Aí veio Alceu”.

Seus colegas de banda a princípio ficaram com o pé atrás, afinal, estavam finalizando um disco. Combinaram então de tentar gravar o que desse nos dias que sobrassem de estúdio.

“Eles diziam: ‘Vamos ver se dá para gravar uma ou duas, talvez três.’ Mas acabou que em três dias de estúdio gravamos as bases das oito músicas”, conta Felipe. Ele tem uma teoria para dar conta da velocidade com que os arranjos surgiram: “Essas músicas estão tão dentro da nossa cabeça que sabíamos naturalmente o que fazer”.

As canções do disco são familiares aos integrantes do Mombojó porque, como relata Felipe, “a música de Alceu toca em todo canto de Recife, do shopping ao Mercado de São José”. Mas o repertório não abarca hits óbvios, como “Morena Tropicana”, “Anunciação” e “La Belle de Jour”. Há, sim, músicas conhecidas, como “Tomara”, “Como Dois Animais” e “Estação da Luz”. Mas há também “lados B” do compositor: “Romance da Bela Inês”, “Chuvas de Caju” e “Sino de Ouro”.

O critério central de seleção do repertório



Laura Proto/Divulgação



Divulgação

Mombojó lança ‘Carne de Caju’, álbum de releituras de sucessos e lados B da obra de Alceu Valença

‘Essas músicas estão tão dentro da nossa cabeça que sabíamos o que fazer’



Leo Aversa/Divulgação

Com sua música, Alceu Valença é figura onipresente por todo Pernambuco

veio a partir do que conversaria melhor com a sonoridade do Mombojó. E “Carne de Caju”, primeiro disco da banda que não é de composições próprias, soa inegavelmente como Mombojó, nos arranjos de Felipe, Marcelo Machado, Chiquinho Moreira, Vicente Machado e Missionário José.

Há, inclusive, easter eggs para os fãs, com citações a gravações anteriores da banda. “Estação da Luz” tem a mesma batida de bateria

de ‘Papapa’, conta Felipe. “E em ‘Sino de Ouro’, Chiquinho fez um teclado muito parecido com ‘Me Encantei por Rosário’. São só dois exemplos”.

Felipe diz que, fazendo o disco, se deu conta de como Alceu era uma referência importante na sua música: “Caíram várias fichas. De como, apesar de a minha voz ser menor, eu tenho influência de Alceu no jeito de cantar, com notas arrastadas, longas. E

assim como ele, gosto de letras curtas, de falar das belezas naturais”. Em “Romance da Bela Inês”, que Felipe não achava que se adequava à sua voz, o guitarrista Marcelo assumiu a tarefa.

“Carne de Caju” de alguma maneira re-coloca Alceu num diálogo com as novas gerações da música pernambucana. Na década de 1970, o músico - ao lado de bandas como Ave Sangria - propôs a construção de uma música contemporânea que bebesse das tradições musicais do Nordeste, sobretudo de seu estado.

Mas o manguebeat, que fez procedimento semelhante por outros caminhos, renegou a filiação àquela geração anterior. Representante da cena pós-mangue, o Mombojó tenta realinhar essa narrativa.

“A geração do mangue nunca teve conexão com ele”, avalia Felipe S. “Os mais novos não tinham ideia do grau de inovação de Alceu, parecia que Chico Science estava inventando essa ideia de misturar música local com o que se estava vivendo no momento. Mas é o caminho, como Luiz Gonzaga foi para Alceu, Alceu foi para Lenine “uma semente que vai gerando vários frutos”.

'A gente sentiu que Noel era um cara zoeiro'

Fabio Seixo/Divulgação

Disco 'Brasov Noel' traz sopro de frescor para o lado cronista e cáustico do Poeta da Vila

Por Leonardo Lichote (Folhapress)

A história do álbum "Brasov Noel" remonta a 2010. O grupo Brasov era uma das atrações de uma série de shows no Centro Cultural Banco do Brasil em tributo a Noel Rosa, no ano do centenário.

Na entrada da banda no palco, já se anunciava que não haveria leituras convencionais dos clássicos do artista. Seus integrantes apareceram vestidos com fantasias rosa de Papai Noel. Sim, "Noéis Rosas".

A homenagem do grupo carioca ao compositor de "Com que Roupa?" se afinava com a piada. Mas ia muito além dela. "A participação deles na série foi sensacional, com arranjos que me surpreenderam muito", diz Luís Filipe de Lima, idealizador do projeto. "Eles saíram do samba e foram buscar soluções dentro daquelas referências deles, com música mexicana, pop-rock de várias matizes e som dos Balcãs", lembra.

Fabiano Krieger, guitarrista da banda, lembra a percepção que disparou a abordagem da banda ao repertório. "A gente sentiu que Noel era um cara zoeiro. Um cronista que gostava de tirar sarro. A partir daí, estabelecemos essa identidade com a obra, que tem um espírito carioca louco."

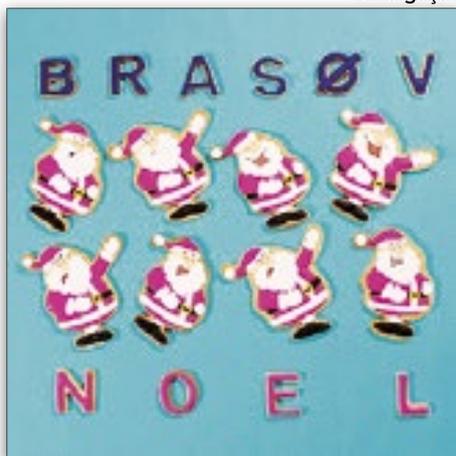
Encerrado o show, Luís Filipe não teve dúvidas. "Temos que gravar isso", pensou. A ideia foi aceita na hora. O disco, porém, levou algum tempo.

A demora se deveu a circunstâncias motivadas, em grande medida, pela própria dinâmica da banda. "Naquele período a gente já não estava se reunindo tanto", diz Krieger. "Com todo mundo ocupado com suas coisas, nossas reuniões ficaram escassas. As ideias, não. Quando estava quase tudo gra-



Em 'Brasov Noel, a banda carioca resgata e extrapola o espírito gozador do compositor que mais simbolizou a boêmia

Divulgação



vado, queríamos mais uma coisinha. E essa coisinha demorava um ano."

Personal e dominatrix

Produtor de "Brasov Noel", Luís Filipe brinca, no espírito da banda, que assumiu um papel de personal trainer e dominatrix para garantir que o disco saísse do papel. Deu certo.

Confirmando sua intuição inicial, o

álbum lança um sopro de frescor sobre a obra sempre atual de Noel Rosa. Um olhar valorizado ainda mais pela participação de Pedro Miranda em "Com que Roupa?", Zélia Duncan em "Com Mulher Não Quero Mais Nada" e Jards Macalé em "Onde Está a Honestidade?", retomando uma parceria que está no início da história - Macalé e Brasov dividiram o show no CCBB.

Os arranjos passeiam com uma liberdade anárquica por referências mil. Para "Onde Está a Honestidade?", a banda pensou numa introdução com um riff "meio Pepeu Gomes", para logo depois cair num samba-reggae estilizado. "Pra que Mentir" ganhou ares dramáticos de tango. "Com Mulher Não Quero Mais Nada" virou um bolero de tom brega.

"Seja Breve" é a única cantado como samba, mas não por isso menos criativa. Ouvem-se apenas caixinhas de fósforo com intervenções de violão de sete cordas de Luís Filipe, sustentando um dueto. No fim, os fósforos são riscados.

Além do processo interno da banda, houve circunstâncias externas que fizeram com que o disco ficasse um período a mais

no forno. Elas têm a ver com as transformações do mundo a partir de 2010. "Quando estava quase pronto, pensamos se essas músicas eram lançáveis", diz Krieger.

Misoginia excluída

O guitarrista se refere às canções que refletem traços da misoginia da sociedade brasileira de forma violenta, a despeito do tratamento jocoso. Três músicas foram cortadas, "Mulher Indigesta", gravada com Moreno Veloso, "Você Vai se Quiser" e "Vai Haver Barulho no Chatô".

"Não me sinto mais confortável falando que uma mulher merece um tijolo na testa", afirma Krieger. "A gente curti cantar o esdrúxulo de uma situação assim, que na nossa percepção não tinha nenhum pé na realidade. A partir do momento em que a gente começa a se conscientizar, vê que isso é a realidade para muitos, não dá mais para entender como zoeira."

A banda pensou em fazer mudanças nos versos ou algo do tipo, mas entendeu que não bastava. "Talvez daqui a algumas décadas a sociedade chegue a um lugar no qual faça sentido cantar isso como piada. Mas hoje em dia não dá", afirma Krieger.

O bonde da adrenalina

Responsável pelo primeiro blockbuster do ano - 'Beekeeper', com Jason Statham -, o cinema de ação se renova despertando afetos nos grandes festivais da Europa

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Primero lugar nas bilheteiras americanas no fim de semana passado, ainda na dianteira na venda de ingressos em vários outros países, "Argylle: O Superespião" é um filme ação, um dos mais frenéticos, que carrega a marca estética de seu realizador, o inglês Matthew Vaughn (de "Kick-Ass" e "Kingsman"). Paralelamente, no mesmo ranking, encontra-se a primeira produção lançada em 2024 a bater a marca de US\$ 100 milhões: "Beekeeper - Rede de Vingança", com Jason Statham. Seu gênero: filme de ação. Filme de ação autoral, com a marca de David Ayer ("Sabotagem" e "Esquadrão Suicida").

Num outro terreno, o dos festivais, aliás, um festival famoso por seu apreço por narrativas experimentais - Roterdã -, os thrillers cheios de tiro e pancadaria fizeram a festa retratando conflitos bélicos. Dois representantes do filão explodiram no evento holandês, que encerrou sua edição no domingo: o norueguês "Konvoi", de Henrik Martin Dahlsbakken, e o cazaque "Steppenwolf", de Adilkhan Yerzhanov.

O primeiro se passa na II Guerra Mundial. Nele, Dahlsbakken retrocede no tempo e no espaço até 1942, quando a Alemanha invade a União Soviética. Naquele momento, os Aliados ficaram com a responsabilidade de enviar armas para ajudar na luta. Uma esquadra é enviada para combate, mas não está equipada para a batalha. Desse enredo nasce um candidato a cult. Essa mesma candidatura se estende a "Steppenwolf", thriller padrão "John Wick", com CEP no Cazaquistão, que ressalta a evolução do diretor de "A Doce Indiferença do



Divulgação

'Steppenwolf', do Cazaquistão, fez sucesso em Roterdã

Divulgação



Divulgação

'Beekeeper' é o primeiro blockbuster mundial de 2024



Berlinala acolhe longa da franquia The Roundup, 'Punishment'

Mundo" (2018), num desafio às leis da gravidade. O longa assume um criminoso que se faz passar por policial (papel do genial Berik Aitzhanov) que, em meio a uma guerra civil, ajuda uma mulher incapaz de falar (Anna Starchenko) a encontrar seu filho. A angústia dela é salvar o menino de traficantes de órgãos. Já ele só quer se aproveitar da situação para lucrar. Pelo menos até a consciência social derrubá-lo, numa rasteira ética. As sequências de tiroteio e luta são de mesmerizar olhos.

Ao anunciar os títulos que compõe sua programação de premières, fora da disputa pelo Urso de Ouro de 2024, a 74ª Berlinala (de 15 a 25 deste mês) incluiu um show de bordoadas: "The Roundup: Punishment", trama de investigação e tapas na cara, dirigida por Heo Myeong Haeng, é uma sequência de um sucesso mundial de bilheteria, gestado na Coreia do Sul, chamado "Força Bruta", lançado aqui em 2022. Ma Dong-seok, ou Don Lee, é seu protagonista: uma espécie de Dirty Harry da

Ásia. Embora o Festival de Berlim tenha exibido ensaios sobre a violência em anos recentes, é curioso ver o mais politizado dos eventos cinematográficos do Velho Mundo flertar com o cinemão de gênero pela mais patrulhada das vias: os thrillers de pancadaria.

Noutras latitudes, um filme finlandês recheado de adrenalina, "Sisu", de Jalmari Helander, no qual um garimpeiro encara nazistas a picaretadas, roda festivais mundo afora e encontrar lar, entre nós, na HBO Max. Não bastasse isso, a França promete solavanco nas poltronas com "Le Salaire De La Peur", remake de "O Salário do Medo" (1953), que vai estreiar sob a direção de Julien Leclercq.

Este ano, o gênero ação ainda vai ganhar sobrevida com "Ballerina", estrelado por Ana de Armas no papel de uma assassina. É um derivado de "John Wick". Tem novidades do eterno Rambo, Sylvester Stallone, também. Ele regressa às telas com "Armored", de Justin Rout, no papel de um segurança de transporte de va-



Divulgação

Sylvester Stallone está de volta em 'Armored'

lores que tem o caminhão perseguido por criminosos. Outro veterano que não larga o osso é Liam Neeson. Ele e o diretor norueguês Hans Petter Moland trabalham juntos uma vez mais em "Thug", thriller sobre um chefe do crime septuagenário que dá uma de Rei Lear e decide unir seus filhos, que, há tempos voaram de seu ninho. O problema é que o submundo não quer ver seu líder amolecer em seus afetos e vai desafiá-lo.

Parceiro do astro de "Rocky Balboa" na franquia "Os Mercenários", Statham deve voltar às telonas ainda este ano, em parceria com o próprio David Ayer, em "Levon's Trade". No Brasil, a acolhida aos dois, com a carreira comercial de "Beekeeper", é forte. Statham vive o Apicultor, um agente que se apresenta sob a alcunha de Adam Clay. Nos minutos iniciais do longa, uma amiga dele, uma administradora de um fundo de assistência já idosa é roubada por meio de um golpe digital armada por uma organização que limpa as contas bancárias de pessoas na terceira idade usando um vírus digital e hackeando sistemas. Mas para azar desse bando remotamente liderado por um rico problemático Derek Danforth (Josh Hutcherson), Apicultor vai reagir. O termo se refere a um ramo secreto do Serviço de Inteligência dos EUA que nem a CIA pode acessar. Os Apicultores são treinados para desafiar as regras da Física, da Biologia... Num dado momento, Statham pergunta: "Você quer seguir a Lei ou você quer a Justiça?". Ao longo de 1h45, numa edição impecável, generosa com as sequências de diálogo e espartana nas sequências de pancadaria, o público verá um estudo sobre o justicamento, numa fronteira perigosa entre a inadimplência do Estado e a barbárie do indivíduo.

Dona Flor no bloco da MUBI

Fenômeno de bilheteria com Sonia Braga, que recria o carnaval dos anos 1940, entra para o streaming que mais fomenta o cinema autoral no fim de semana da folia

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Maior sucesso do casal de produtores Lucy e Luiz Carlos Barreto, “Dona Flor e Seus Dois Maridos” (1976) ganha a ribalta do streaming, neste carnaval, ao ingressar na grade da MUBI a partir desta sexta-feira (9). O www.mubi.com vai disponibilizar o fenômeno de bilheteria que rendeu ao cineasta Bruno Barreto o passaporte para filmar nos EUA. O filme vendeu 10.735.524 ingressos no Brasil a partir de sua estreia, em 22 de novembro de 1976.

Ardidos com o sabor de cebola crua, os beijos trocados entre a quituteira Florípedes Paiva (Sonia Braga) e o malandro Valdomiro Santos Guimarães, o Vadinho (José Wilker), na trama desse tocante longa-metragem sintetizaram o romantismo em nossas salas de projeção. Seu universo narrativo tem gênese no livro homônimo de Jorge Amado (1912-2001).

Cultuado como Midas do documentário no país, Eduardo Coutinho (1933-2014) trabalhou no roteiro do filme, ao lado de Leopoldo Serran (1942-2008). Sonia tornou-se “A” estrela nacional com o êxito alcançado por sua personagem.

Exibida no Paris Theatre de Nova York, em 1978, a love story metafísica produzida pela LC Barreto foi lançada na França em 3 de agosto de 1977, ocupando, de cara, dez salas exibidoras de Paris, o que se configurou como um fenômeno para uma produção sul-americana. Em 1979, uma indicação ao Globo de Ouro de melhor filme de língua não inglesa assegurou prestígio hollywoodiano a Bruno, que conquistou o Kikito de melhor direção por seu requintado desempenho por trás das câmeras. Chegou



Divulgação

‘Dona Flor e Seus Dois Maridos’, longa de Bruno Barreto, vendeu cerca de 10 milhões de ingressos mundo afora e garantiu uma carreira hollywoodiana para seu diretor



Divulgação

Bruno Barreto no set de filmagens de ‘Dona Flor e Seus Dois Maridos’

a engatar uma carreira lá fora, assim como Sonia, que filmou com Robert Redford, Clint Eastwood e outros mestres. Intérprete de Vadinho, numa composição memorável, José Wilker (1946-2014) também deu o ar de sua graça (e seu talento) para a indústria hollywoodiana, ao aparecer em “O Curandeiro da Selva” (1992).

Vale lembrar, no elenco desse marco popular do nosso cinema, da atuação em es-

tado de graça de Mauro Mendonça, encarnando o apolíneo Dr. Teodoro. A fotografia dionisiaca é assinada por Murilo Salles. Na trilha sonora, “O Que Será”, de Chico Buarque, na voz de Simone, tornou aquela paixão de Flor e Vadinho ainda mais envolvente e sinestésica.

É na madrugada de domingo de Carnaval em 1943, em Salvador, que a trama começa. Ali, um grupo de foliões está

sentado na calçada de um bar cantando e bebendo. Um deles cai morto no chão: é Vadinho. Após o enterro, Flor, a viúva, relembra seu casamento.

Desde o início do matrimônio, Vadinho se mostra um aspirante a Zé Pilintra, com compulsão pelo jogo. Sai todos os dias com amigos para jogar e beber, e quase sempre chega em casa bêbado na manhã seguinte.

Algumas vezes, Flor o encontra jogado na calçada. Pede dinheiro emprestado para todo mundo e adquire muitas dívidas. Chega a bater em Flor pelo fato de ela se negar a lhe emprestar algum. Além disso tem muitas amantes. Apesar de não ser um marido exemplar, Flor gosta muito dele e sente muito sua falta quando ele morre. Para ela, Vadinho era um ótimo amante.

Com o tempo, Flor vai deixando o sofrimento de lado e vai retomando a sua rotina, começa a se vestir melhor e a sair mais de casa. Um dia recebe uma carta e acaba descobrindo que o farmacêutico, dr. Teodoro, está apaixonado por ela. Decide se casar com ele. Ela vive bem ao lado do marido, mas algumas vezes se sente agoniada. Um dia começa a receber visitas do fantasma de Vadinho. Nasce ali um trisal, o mais famoso que nosso cinema já consagrou, como um “Jules et Jim” do Além.

Espectáculo 'Marielle Presente' recebe três indicações ao prêmio 'Musical.Rio'

Um legado para sempre

Natália Pardomo/Divulgação



'Marielle Presente' é uma ópera-funk que aborda vários traços da personalidade da ex-vereadora e ativista social

Inspirado na história de Marielle Franco e seu legado deixado, o espetáculo "Marielle Presente" conseguiu atrair a atenção do público e da crítica, resultando em três indicações na premiação "Destques do Musical.Rio". Estas nomeações incluem "Melhor Elenco", "Música Original" e o "Selo Musical.Rio", reconhecendo a excelência do projeto feito majoritariamente por pessoas pretas e realizado pela Confraria do Impossível.

"Marielle Presente" é uma ópera-funk que destaca não apenas sua trajetória política e social, mas também suas relações pessoais, mostrando a ex-vereadora e ativista como uma figura de afetividade e luta.

O elenco, composto por oito atrizes que se revezam nos diversos papéis é aspecto destacado na indicação para "Melhor Elenco", evidenciando a habilidade úni-

ca do grupo em trazer à vida as complexidades das personagens representadas.

Janamô, uma dessas atrizes, compartilha seu sentimento em

relação à representação de Marielle no palco. "É uma emoção indescritível ver a vida e o legado de Marielle sendo representados no palco e agora reconhecidos

nesta premiação. É um momento de celebração, mas também de reflexão sobre a luta por justiça e igualdade que ela tão corajosamente travou", ressalta.

Com idealização, texto e direção de André Lemos, produção de Jéssica Vieira e Wayne Marinho, direção musical de Maíra Freitas e colaboração dramaturgica de Anielle Franco, Mônica Benício e Renata Souza, o musical é mais do que um espetáculo, é um ato de resistência, memória e homenagem a uma vida interrompida injustamente.

"O desfecho do crime bárbaro ainda é uma ferida aberta para muitos, e a busca por justiça continua. Essa premiação é um passo importante na valorização de sua luta, mas também ressalta a necessidade contínua de lutar contra a impunidade e a violência que ainda assolam nossa sociedade", acrescenta Janamô.

Em sua quinta edição, o "Destques do Musical.Rio" celebra a cena musical carioca. Andréa Bak, atriz que compõe o elenco, reflete sobre o significado destas indicações. "Essas indicações representam reconhecimento. A gente traz o inédito, a gente traz uma pesquisa bem referenciada, traz fundamento e trabalhos de excelência no aspecto corporal, vocal e de interpretação. Os louros quem colhe não somos nós, então reconhecimento é uma das melhores recompensas na vida de um artista", destaca.

Um ensaio sobre a crise humanitária dos refugiados

Antônio Simas Barbosa/Divulgação

Espectáculo 'Apátridas' abre programação de festival na Índia

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Após apresentações na Itália, Irã, Iraque e Brasil, a produção "Apátridas" (Stateless) da Companhia Nova de Teatro será o espetáculo de abertura do "International Theatre Festival of Kerala", na cidade de Thirissur, Índia, nesta sexta-feira (9), às 19h30, sábado (10), às 19h,

no Theatre Actor Murali. A peça, que aborda a temática dos refugiados e zonas de conflito, é uma oportunidade de reflexão sobre um tema importante e atual.

Com direção de Lenerson Polonini e dramaturgia de Carina Casuscel, o espetáculo inspira-se em personagens mitológicos como Cassandra, Hécuba, Prometeu e Hércules com enfo-



A dramaturgia de 'Apátridas' aborda crises humanas, fluxos migratórios, devastação do território dos povos originários e africanidade

que sobre as crises humanas, fluxos migratórios, devastação dos territórios de povos originários

e africanidade. Estruturada em solos que se interconectam, os personagens tencionam ques-

tões sobre identidade e não pertencimento.

Após temporada em São Paulo em 2021 e participação a "XIII edição do Prêmio Internacional Il Teatro Nudo Teresa Pomodoro", em 2022 na cidade de Milão, o grupo paulistano Companhia Nova de Teatro apresentou Apátridas no Irã no "41st Fajr International Theater Festival", um dos festivais mais importantes do Oriente Médio. Essa participação faz parte do projeto de internacionalização do grupo que já se apresentou em diversos países estrangeiros e segue com agenda de apresentações e intercâmbio nos próximos anos com diversos festivais, teatros e instituições internacionais.

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha